

INDISCIPLINA E AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Clarice Nunes Peixoto

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Email: claicepeixoto@hotmail.com

Francisco Hérico Soares Maia

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Email: hericosoares@live.com

Tércia Gonçalves de Lima Pereira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Email: terciag@hotmail.com

Débora Maria do Nascimento

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Email: pedeboramar@hotmail.com

Resumo:

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados da nossa observação de estágio, da disciplina Estágio Supervisionado I. Nossa motivação para esse estudo surgiu do diagnóstico de que a agressividade e a indisciplina em sala de aula é um dos fatores para a diminuição da aprendizagem em todos os níveis de ensino, mais específico na Educação Infantil, nosso foco de estudo. De caráter qualitativo/quantitativo, nos embasamos nos estudos de Tiba (1996), Winnicott (2009), dentre outros. Assim, ao estudarmos tais teóricos, vimos à necessidade de mencionar que a indisciplina, aqui observada, acontecia de forma simples e concentrada nas atitudes de poucos alunos, taxados como “complicados”, “bagunceiros” etc.; ambos (estagiários e professores regentes) estamos sendo empurrados para variadas classes e sempre com as mesmas reclamações e nenhuma sugestão de melhoramento em suas vivências anteriores. Assim, segundo relatos das professoras da instituição, a indisciplina pode ser caracterizada, como a adaptação a novas rotinas, conhecimentos e comportamentos que necessitam serem tomados a partir dessa faixa etária. Dessa forma, necessita-se de ir além dos conteúdos programáticos das disciplinas, como também, conversas com a turma sobre preferências de temas a serem discutidos e variadas atividades práticas, sem priorizar a aula falada. Nesse sentido, utilizaremos da leitura de artigos e de diários de campos que elaboramos durante nossas observações e, por fim, análise dos resultados com os aportes teóricos anteriormente citados. Assim, concluímos que esse estudo nos possibilitou um maior conhecimento em torno da temática abordada, bem como, nos auxiliou quanto as nossas atividades futuras, caso tais problemas surjam em nossas salas de aula.

Palavras-chave: Indisciplina, agressividade, Educação Infantil, aprendizagem.

Introdução

O presente artigo trata do estudo sobre a indisciplina e a agressividade na educação infantil, considerados como fatores comumente presenciados no espaço escolar e vem sendo a causa de muitas das dificuldades de aprendizagem, baixo nível de aprovação e influência negativa na prática dos profissionais da educação. Diante disso, proporemos o estudo e aprofundamento nossos conhecimentos em torno dessa temática e buscar compreender nossa problemática, utilizando as soluções que apreçam como uma possibilidade de regressão ou menor influência negativa determinadas por essas práticas.

Com base nisso, desenvolveu-se uma pesquisa de campo bibliográfica, para analisar situações observadas no estágio I, enfocando-se a temática em estudo na realidade escolar, que segundo Luzzi (2012) “procede à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, à coleta de dados referentes aos mesmos e, finalmente, à análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado”. Para aprofundamento do tema, foi realizada de leituras de artigos, enfocando-se autores como: Tiba (1996), Winnicott (2009), Oliveira (2005) Aquino (1998), entre outros.

Em suma, traremos a exposição da nossa pesquisa dividida em tópicos, a saber: conceitos e caracterização dos aspectos escolares; impactos iniciais de sala e dos comportamentos docentes e discentes; a influência da indisciplina e da agressividade na educação infantil com relatos dos docentes e de estudiosos do tema.

1. Relatos de vivência do estágio: notas de campo

Tendo em vista os objetivos supracitados e nossas observações durante o período de estágio, tivemos muitas experiências exitosas, como também, algumas que nos frustraram, sendo estas últimas, objeto de estudo nesse trabalho. Para tanto, dividimos nosso percurso em três etapas: conceitos e caracterização dos espaços escolares, que utilizaremos para descrição do espaço campo de estudo; impactos comportamentais docentes, discentes e pais, onde buscaremos exemplificar alguns momentos, analisando-os com base nos teóricos em estudo; e, por fim, a influência da indisciplina e da agressividade na educação infantil, traçando algumas consequências da prática ou não desses atos, no espaço de estágio e fora dela, uma vez que, essa é uma das etapas de nossa vida educacional, para aqueles que deseja seguir a vida docente.

1.1 Conceitos e caracterização dos aspectos escolares

Durante nossa primeira semana de observação, nos deparamos com uma realidade diferenciada da que imaginávamos, conhecendo crianças com a faixa etária de cinco anos e que não agiam de forma adequada à idade nem série: eram agressivas e pouco emotivas; não gostavam de partilhar as brincadeiras com seus colegas, preferiam realizá-las individualmente; não gostavam de ouvir as histórias que a professora contava e, nesse caso, uma boa parcela desse desinteresse advinha da prática de leitura da professora, realizada apenas de modo tradicional. O aspecto em sala era distorcido ao sugerido como adequado ao nível de ensino, com espaço reduzido, as paredes sem cores vibrantes, com a temperatura bastante elevada e comportava 23 (vinte e três) alunos, que se deslocavam com dificuldade para atividades em grupo ou até para brincadeiras.

Porém, não podemos desconsiderar o esforço de todo corpo escolar em desenvolver uma prática educacional que possibilitasse o melhor desempenho dos alunos e sua aprendizagem além da vida escolar. Ao contrário do que os alunos expunham, com suas atitudes agressivas, os conteúdos eram trabalhados de modo acessível a todos os presentes, mesmo aos que decidiam perturbar a aula e desconcentrar todos que estavam em atividades ou descanso.

Nesse sentido, em termos de agressividade e atitudes que caracterizam-se como indisciplina, segundo Gagliotto (2012),

[...] no ser humano é desencadeada, também de maneira positiva e necessária ao seu desenvolvimento, pois é ela quem dá o impulso para a busca da realização de desejos, porém pode se constituir em um traço negativo na personalidade, levando inclusive a atos violentos e à destruição (GAGLIOTTO, 2012, p. 145).

Podemos então, a nosso ver, associar ambas como interligadas, entretanto, o surgimento de uma não necessita que a outra tenha por consequência ocorrido. Seria como dizermos que, crianças agressivas agem por impulso de negação da sua realidade ou atividades anteriormente cotidianas e busca de realce de suas preferências; enquanto que as indisciplinadas buscam impor suas regras e priorizam ser o centro das atenções, sem necessariamente serem agressivas, a negação de realização de atividades pode ser uma das formas de protesto.

Em relação às reações agressivas, Marcelli (1988) *apud* Gagliotto (2012) vem nos esclarecer que

ao nascer, a criança chora, grita, esse é o primeiro sinal da sua agressividade. Normalmente, as crianças apresentam comportamento agressivo frente a situações que as rodeiam. Esse comportamento não significa que vise prejudicar ou violentar alguém; pode simplesmente estar com medo de alguma situação e reagir de forma

agressiva, sem a intenção de machucar. (MARCELLI 1988 *apud* GAGLIOTTO, 2012, p. 148)

Diante disso, vimos à necessidade de mencionar que a indisciplina, por nós observada, acontecia de forma simples e concentrada nas atitudes de poucos alunos, taxados como “complicados”, “bagunceiros” etc.; ambos estamos sendo empurrados para variadas classes e sempre com as mesmas reclamações e nenhuma sugestão de melhoramento em suas vivências anteriores. Assim, Oliveira (2009) especifica que

o aluno indisciplinado é aquele que não desenvolveu a autodisciplina, que não tem consciência dos efeitos do seu comportamento para o seu aprendizado, que não consegue discernir o certo do errado, que não respeita os princípios da democracia em um ambiente social e que, em consequência disso, acaba agindo de forma irresponsável, atrapalhando o andamento das aulas com atos de desrespeito, vandalismo e agressão. (OLIVEIRA, 2009, p. 04)

Diante disso, muitas são as lacunas que rodeiam os educadores de como agiram ao se depararem com alunos que, buscaram exercer seus direitos utilizando-se da agressividade e da indisciplina individual e coletiva, que prejudicam a aprendizagem de toda a classe.

1.2 Impactos comportamentais docentes, discentes e de pais

Ao observarmos os comportamentos em sala, que desde os primeiros dias foi notória a diversidade de reações a cada atividade entre os alunos, pois demonstravam agitação, gritavam muito, não permaneciam dentro da sala, brigavam, choravam, mordiam uns aos outros inclusive a nós (os estagiários), esmurravam, não pediam licença, não pediam material emprestado ao colega, quebravam objetos, falavam palavrões, não chegavam no horário etc. Dessa forma, o impacto inicial foi que, tanto a professora quanto os alunos, queriam demonstrar quem obtinha maior autoridade durante as atividades, a preferência de espaço e tempo para a realização de alguma brincadeira ou para sair da sala.

Essa realidade nos frustrou inicialmente, pois em outras turmas de mesma série essas atitudes não ocorriam de modo frequente ou apenas não aconteciam. Então, em conversas com os demais companheiros de estágios, professoras e orientadoras, decidimos por buscar utilização de métodos e materiais que pudessem dispersar a tensão que existia entre ambos, bem como, diversificar o modo como as aulas eram conduzidas, em busca de uma maior participação do alunado em todas as atividades. Juntamente com outros estagiários da creche, elaboramos projetos

que envolvessem os contos literários mais conhecidos (Branca de Neve, Os Três Porquinhos etc.) e que foram expostos de modo coletivo e dramatizado, para posteriormente serem trabalhados em sala, de forma diversificada e prática, utilizando-se do reconto e atividades artísticas-textuais.

Entretanto, mesmo com trabalhos diversificados e que estimulavam a participação de todos, nos deparamos, por diversas vezes, com discussões nas quais os alunos gritavam a mesma frase de autoridade “eu faço só o que eu quero!”. Observamos que uma das causas para essas atitudes é a ausência de rotinas, pois as tarefas são realizadas de forma avulsa e em momentos não pré-determinados, chegando a não ter um tempo programado ou a não serem realizadas em sua plenitude em apenas uma aula, mesmo que sejam de aspectos mais acessíveis a faixa etária e nível de aprendizagem.

Assim, Souza (2008) relata que

a agressividade constitui, então, um pedido, uma reivindicação ao ambiente para o retorno ao ponto em que houve falha no desenvolvimento, a fim de dar curso ao que foi interrompido. Seja na mentira, seja no furto ou na depredação, a manifestação da tendência anti-social revela a necessidade de reconhecimento externo daquilo que faltou e do suprimento dessa falta, vivida como experiência dolorosa. (SOUZA, 2008, p. 849)

Nesse sentido, muitos pais justificam as atitudes de seus filhos usando o argumento de que eles não estariam se adaptando a escola, seja à estrutura física, aos colegas de classe ou a metodologia da professora; alegam ainda que não levariam mais seu filho, pois ele havia sido agredido por outro aluno, buscando colocar a escola em uma postura de juiz, para eleger culpados e puni-los, função essa não delegada a escola. Porém, o que observamos é que os pais deixam a função educacional, antes delegada a eles, para que a escola execute, desde os comportamentos fundamentais (respeito, tolerância, horários etc.).

Nesses termos,

entendemos que são diversos os fatores que levam os alunos a cometer atos de indisciplina, e esses fatores não atuam, necessariamente, com a mesma intensidade no comportamento da criança ou adolescente; alguns podem ser mais ou menos extremos, conforme a circunstância e a realidade de cada aluno e de cada escola. Eles podem ser, ainda, de origem interna ou externa à instituição. (OLIVEIRA, 2009, p. 05)

Ainda utilizando as palavras de Souza (2008), em relação à postura dos professores quanto à agressividade e a indisciplina dos alunos, ela menciona os trabalhos de Tricoli (2002) que

avalia o estresse dos professores como resultado de uma postura agressiva em sala de aula. A autora afirma que docentes agressivos, que gritam para colocar ordem na classe, inspiram comportamentos semelhantes em seus alunos. Assim, após um período de convivência, os alunos assumem atitudes tão agressivas quanto aquelas adotadas por seus professores ou apresentam comportamentos mais retraídos, em virtude do medo de punição. (TRICOLI, 2002, p. 840)

Com isso, fica específica a reação dos alunos, porém isso não justifica que eles hajam como se estivessem convivendo em selvas. A indisciplina funcionaria, nesse caso, como uma resposta dos alunos às intolerâncias desnecessárias do docente (gritos; proibir os alunos de ficarem em pé em sala, querendo que fiquem imóveis em suas carteiras; proibindo a comunicação entre os colegas, mesmo em momentos de brincadeiras etc.)

1.3 A influência da indisciplina e da agressividade na educação infantil

Para Frazzato (2003) *apud* Souza (2008),

Desde cedo, o educador deve começar a introduzir algumas regras. Para isso, montar atividades diárias como conversas de roda pode ser muito interessante. Na roda é possível estabelecer, junto com as crianças, regras necessárias em jogos e brincadeiras, bem como sobre a vez de cada um falar, os momentos de sentar ou de levantar etc. As regras podem ser registradas conjuntamente com as crianças em quadros de aviso a serem dependurados em locais de fácil acesso, lembrando sempre o combinado. (FRAZZATO 2003 *apud* SOUZA, 2008, p. 54)

Dessa forma, podemos relacionar uma das carências que vimos em nossa sala de observação, na qual a professora só expunha para todos os pontos básicos de ordem em sala e pouco se promovia rodas de conversas, ou abria-se espaço para opinião dos alunos; contudo, esse não era um defeito da docente, uma vez que, os alunos acabavam por perturbar a aula de tal forma que, explicar uma atividade era uma ação que exigia muito tempo e paciência.

Muitas das crianças acabavam por não aprender nada do que estava sendo realizado em sala, mesmo quando levamos atividades artísticas (a construção das casas do três porquinhos, por exemplo), onde grande parcela dos alunos aproveitavam a oportunidade para agredida seus colegas, usando dos materiais que disponibilizamos em sala; e, muitas vezes, tínhamos que pedir ajuda a outros funcionários para poder conter a indisciplina e evitar que machucassem os demais.

Ao tornar-se um conjunto de atitudes prejudiciais ao estudo, a agressividade e a indisciplina dificultam desde a relação entre aluno-aluno e aluno-professor, quanto acaba por diminuir sua atenção para os conteúdos programados em salas e, conseqüentemente, seu nível de aprendizagem

estará sempre abaixo do esperado, causando a ele mais revolta, menos sendo aluno de pré-escola, como é nosso caso. A criança torna-se mais avessa a novas atividades e sequências de projetos interdisciplinares, buscando sempre que sua opinião prevaleça e que possa brincar sempre que desejar.

Vale destacar que, outra causa para o aumento da indisciplina educação infantil é “o excesso de mimos, a superproteção e a permissividade por parte dos pais/responsáveis também acarretam problemas de comportamento nessas crianças em casa e na escola. A criança educada dessa forma acha que todos estão a seu dispor para atendê-la e que não tem regras a seguir, tudo gira ao seu redor, ela é o centro das atenções.”. (OLIVEIRA, 2009, p. 06)

Segundo relatos das professoras da instituição, a indisciplina pode ser caracterizada como a adaptação a novas rotinas e aos novos conhecimentos e comportamentos que necessitam serem tomados a partir dessa faixa etária; dessa forma, necessita-se de ir além dos conteúdos programáticos das disciplinas, como também, conversas com a turma sobre preferências de temas a serem discutidos e variadas atividades práticas, sem priorizar a aula falada. Ao lado disso, temos a agressividade, considerada como a consequência da indisciplina, e tratada pelos docentes como a desobediência das regras da escola, a inadequação aos colegas de classe ou a resistência a novas atitudes e costumes.

Conclusão

Muitos foram os impasses para conseguirmos concluir essa pesquisa, além da dificuldade de participação dos alunos. Entretanto foi muito gratificante termos passado por essa experiência, uma vez que, esse cenário de indisciplina e agressividade está cada vez mais presente em nossas salas de aula; porém, cabe ao todo o corpo escolar mobilizar-se para mudar essa triste realidade que, a cada dia, diminui o nível de aprendizagem dos alunos. Foi-nos possível estimular algumas mudanças e darmos sugestões, entretanto, nossas observações foram realizadas em um curto espaço de tempo, fator esse que dificultou um diagnóstico mais preciso.

Nesse sentido, consideramos enriquecedor esse período de convivência, apesar de também opressora (se olhado pela lado que, muitos dos alunos, acabavam não obedecendo ninguém, tendo que apelar para algum presente ou recompensa, como guloseimas). Tal apelo não se resume a apenas oferecer algo, mas sim, incentivar o aluno a ser melhor, mais participativo durante as atividades, explicando as possíveis conquistas e importância de sua presença na sala.

Referências

GAGLIOTO, G. M.; BERTÉ, R.; VALE, G. V. do. Agressividade da criança no espaço escolar: uma abordagem psicanalítica. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.20, n1, p.144-160, jan./jun.2012.

LUZZI, L. P. **Metodologia científica**. Disponível em <<http://profludfuzzimetodologia.blogspot.com.br/2010/03/o-que-e-pesquisa-de-campo.html>> Acesso em 01 de dez. de 2015.

OLIVEIRA, M. I. de. Fatores psico-sociais e pedagógicos da indisciplina: da infância à adolescência. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 14, n. 27 p. 289-305, jul./dez. 2009.

SCHICOTTI, R. V. O. **Concepções e práticas de educadores acerca de disciplina e limites na educação infantil**: um estudo de caso. Assis, 2005.

SOUZA, M. A. de; CASTRO, R. E. F. de. Agressividade infantil no ambiente escolar: concepções e atitudes do professor. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 837-845, out./dez. 2008.